

Oliveira, Alexandra (2011), *Andar na Vida: Prostituição de Rua e Reacção Social*, Coimbra, Almedina, 272 páginas.

Fernando Bessa Ribeiro

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e Centro de Investigação  
em Ciências Sociais – Universidade do Minho

Psicóloga de formação, Alexandra Oliveira leva mais de dez anos de trabalho nas ruas do Porto, observando e sobretudo participando nos quotidianos de vida das mulheres, homens e transgéneros que vivem do comércio do sexo. Este envolvimento exprime uma orientação metodológica pela etnografia, certamente em confronto com as abordagens mais *mainstream* da psicologia. Ainda que não recuse outros métodos e técnicas de investigação, cabe à observação participante o lugar central no seu trabalho de campo.

Logo a abrir o seu livro A. Oliveira explicita o que pretende: «contrariar preconceitos e estereótipos dando a conhecer o mundo da prostituição de rua e dos actores que o *habitam*, em particular das mulheres prostitutas, mas também de transexuais, [fazendo um pouco mais à frente a defesa] do envolvimento e comprometimento de muitos dos seus investigadores quando colocam o seu saber ao serviço da sociedade» (p. 7). Por outras palavras, A. Oliveira tenta combinar o proposto por Bourdieu em «Um saber comprometido» [*Le Monde Diplomatique* – edição portuguesa, ano 3 (35), p. 3, 2002, também citado no seu livro]: o *scholarship* com o *commitment*, isto é, um saber engajado, socialmente comprometido, que rompe com a separação entre o conhecimento científico e a intervenção no mundo exterior à academia.

Ao longo do livro quem o lê é confrontado/a com elementos etnográficos e argumentos que nos permitem conhecer, muito para além das fachadas pessoais e dos preconceitos, mulheres e transgéneros no comércio do sexo. Para as trazer até nós, a autora viveu, entre Outubro de 2002 e Novembro de 2007, nas ruas, nas pensões e nas casas das mulheres observadas, descrevendo-nos com minúcia os terrenos de acção, os problemas, os medos, os desejos, os trajectos e os seus projectos de vida. Foi tão bem sucedida neste processo de incorporação no meio social observado que chegou ao ponto de ser tomada como mais uma «mulher da vida»: «tive novamente a evidência de que, para algumas pessoas, nomeadamente para alguns homens, eu tenho o rótulo de *puta* naquela zona. A maneira como os homens olham para mim leva-me a pensar isso. A forma como o empregado da farmácia lida comigo também: com extrema simpatia, tentando o contacto ocular, emitindo olhares galantes, fazendo afirmações intencionalmente agradáveis e mesmo procurando afinidades» (diário de campo, p. 219).

Esta opção metodológica, trabalhosa, desgastante, até perigosa – veja-se a agressão que sofreu com um saco de óleo queimado arremessado por dois indiví-

duos circulando de moto (p. 232) –, permite ao leitor um olhar por dentro deste complexo e multifacetado campo social. Conhecedora e praticante experiente deste método, cujos resultados foram vertidos para as páginas do livro – tanto os testemunhos como os registos no diário de campo denunciam a sua etnografia de rua e de acção, oferecendo-nos estas algumas das mais estimulantes passagens do seu texto –, esta opção facilitou a aproximação àquilo que Bourdieu [«Compreende» in *La misère du monde*, 1993, pp. 1388-1447], na esteira de Weber [*Economía y sociedad: esbozo de sociología comprensiva*, 1993 (1922)], nos propõe: «L'oubli de soi», isto é, proceder ao deslocamento do nosso olhar de forma a colocarmo-nos, em pensamento, no lugar dos outros observados.

Olhando mais de perto o livro, este começa por uma longa e bem fundamentada introdução, onde discute o objecto, os objectivos e o método, à qual se seguem quatro capítulos: (i) o mundo social da prostituição; (ii) o mundo familiar da prostituta; (iii) ser-se prostituta; (iv) reacção social: estigma, exclusão, violências; encerra com uma proposta de acção, a que deu o título «Da compreensão à intervenção». Ao longo de quase três centenas de páginas, A. Oliveira descreve-nos os contextos de acção, as dinâmicas da prostituição de rua, os quotidianos de trabalho; fala-nos dos clientes, mostrando que, ao contrário do comumente aceite pelo senso comum (e não só), as relações entre estes e as mulheres são intensas e multifacetadas, não se circunscrevendo ao acto sexual, podendo envolver também amizade, afecto e até amor, aliás na esteira do por nós observado [M. Ribeiro *et al*, *Vidas na raia: Prostituição feminina em regiões de fronteira*, 2007]; ocupa-se com o campo doméstico das mulheres observadas, mostrando-nos como estamos perante pessoas comuns da classe popular, com os seus problemas, dificuldades, conflitos, sonhos e projectos, desconstruindo a tese velha e gasta da prostituta atada a uma vida familiar desestruturada, marcada por uma relação de opressão por parte de um proxeneta travestido de companheiro, cujo único interesse é tirar dela proveito económico e sexual; analisa os trajectos de vida, esquadrinhando as razões que levaram as mulheres e os transgéneros inquiridos a entrar, permanecer e sair da prostituição; uma preocupação muito nítida para as questões que se prendem com o estigma, as exclusões e as múltiplas violências que atingem estas mulheres e, com redobrada intensidade, as mulheres masculinas, havendo aqui que destacar as que são produzidas pelas instituições estatais e seus agentes; contesta as políticas de imigração e de luta contra o tráfico e a exploração sexual que, aparentemente escudadas em boas intenções, mais não fazem do que aprofundar a marginalização, a estigmatização e a violência sobre quem vive do trabalho sexual.

O livro fecha com uma demorada reflexão sobre a intervenção política e social. Em linha com as posições assumidas em estudos recentes [v.g., M.E. Handman e J. Mossuz-Lavau (dir), *La prostitution à Paris*, 2005 e M. Ribeiro *et al*, *Vidas na raia: Prostituição feminina em regiões de fronteira*, 2007], A. Oliveira assume uma posição contrária às teses abolicionistas e proibicionistas, tecendo diversas críticas, das quais destaco a que se prende com a questão da vitimização das

mulheres: [...] «os empresários da moral, os defensores das teses abolicionistas, aparecem como causadores daquilo contra o qual dizem lutar, pois ao defenderem a perspectiva vitimizante das pessoas que se prostituem estão a prolongar essa imagem negativa que há-de contribuir para que quem faz trabalho sexual não se sinta bem consigo mesmo e se sinta descapacitada» (p. 252). Bem conhecida e explicitada de modo categórico em trabalhos anteriores, mormente em *As vendedoras de ilusões: estudo sobre prostituição, alterne e striptease*, 2004, e em tomadas de posição públicas [entre outras, «Por uma nova política para o trabalho sexual», *Público*, ano XVIII, n.º 6194, 47 de 15 de Março de 2007, também por mim subscrita], este ponto de vista denuncia que A. Oliveira não se escuda numa confortável, ainda que aparente e sempre inexistente, neutralidade teórica e política. Não se trata aqui de obliterar as violências, opressões e situações de exclusão e de estigmatização que atingem, às vezes com especial intensidade, todas as pessoas que se dedicam à venda de serviços sexuais mas tão-somente de responder, na esteira do proposto por Handman e Mossuz-Lavau [*La prostitution à Paris*, p. 397, 2005] à questão acerca do enquadramento, nomeadamente político-legal e social, da prostituição. Comprometida com o alargamento da liberdade e da ampliação das capacidades de agência das mulheres, transgéneros e homens que vivem do trabalho sexual, A. Oliveira defende a livre determinação dos indivíduos na definição dos modos de vida e de trabalho, sem ignorar que os constrangimentos económicos e outros, como acontece com a escolha de qualquer outra profissão, estão presentes e não podem ser descartados. Trata-se aqui de fazer a defesa radical do direito dos seres humanos ao *self-ownership* sobre o seu corpo, incluindo o que envolve a sexualidade, conforme nos é proposto por filósofos libertários como van Parijs [v. C. Arnspenger e P. van Parijs, *Ética económica e social*, 2003] e Vallentyne e Steiner [*Left libertarianism and its critics: the contemporary debate*, 2000].

Em vez dos discursos ora regenerador, ora censurador, uns e outros profundamente moralizantes, o livro de A. Oliveira é atravessado pela crítica às posições que vêem na prostituição uma forma severa de dominação masculina e uma ausência praticamente total de capacidade de agência por parte das mulheres. Mais, em linha com o defendido por Gil [«Sexualité et prostitution», in M. E. Handman e J. Mossuz-Lavau (dir.), *La prostitution à Paris*, p. 345-376, 2005], quem lê este livro é confrontado/a com a tese da «venda do corpo», tão cara aos e às abolicionistas. Não só esta é desmentida pelas práticas fixadas no seu livro, como percebemos também que estamos perante uma forma insidiosa de desclassificação dos indivíduos que vivem do comércio do sexo, ao desapossá-los da sua integridade física e do seu direito à utilização social do corpo. Deste modo, o debate sobre a prostituição transborda os campos estritos do género e da moral, abrindo-o nomeadamente ao campo do trabalho, como faz Bourdieu em *A Dominação Masculina*, 1999.

Em suma, este livro proporciona a quem o lê uma análise compreensiva da prostituição de rua na cidade do Porto e dos actores sociais nela envolvida, em

especial no que se relaciona com as mulheres que oferecem serviços sexuais a homens. Respondendo cabalmente aos objectivos fixados, é um livro que vai muito para além das fronteiras da academia, das suas e dos seus profissionais que trabalham sobre este campo social, interessando a todos os cidadãos e a todas as cidadãs, sobretudo a quem, inquieta/o com as violências, injustiças e sofrimento que atingem muitas das mulheres, homens e transgéneros que vivem do comércio do sexo, procura outras respostas que possam contribuir para a construção de uma agenda política e social emancipatória equipada também duma política inclusiva para o trabalho sexual e para os actores sociais nele envolvidos.